



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Trump pressiona Putin por cessar-fogo

Presidente dos Estados Unidos fala em "consequências muito severas" se russos não interromperem o conflito na Ucrânia, depois da cúpula de amanhã, no Alasca. Republicano também anuncia planos de reunião tripartite com Moscou e Kiev

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de participar de uma cúpula por videoconferência com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e líderes europeus, o norte-americano Donald Trump endureceu o tom com o homólogo russo Vladimir Putin. Ao ser questionado por jornalistas se a Rússia enfrentaria consequências, caso Putin não interrompa a guerra depois da reunião de amanhã, em Anchorage (Alasca), Trump respondeu afirmativamente. "Sim, eles irão... Muito severas consequências", disse. O republicano externou os planos de organizar um encontro entre Putin e Zelensky "quase imediatamente" após o evento no Alasca. "Podem ser alcançadas grandes coisas na primeira reunião, será um encontro muito importante, mas que prepara o terreno para uma segunda reunião", declarou Trump. "Se a primeira (reunião) correr bem, teremos uma segunda rapidamente", prometeu. "Eu gostaria que fosse quase imediatamente, e teremos rapidamente uma segunda reunião entre o presidente Putin, o presidente Zelensky e eu, se eles quiserem que eu esteja presente." No entanto, não descartou cancelar a reunião tripartite, em caso de fracasso no diálogo de amanhã.

Zelensky passou parte da tarde agradecendo a cada um dos líderes europeus com quem conversou ontem. "Obrigado por seu apoio", escreveu na rede social X, em mensagens acompanhadas da republicação de textos em que os governantes expressavam satisfação com o encontro e solidariedade para com a Ucrânia. O presidente da França, Emmanuel Macron, assegurou que os aliados europeus estão alinhados em relação a prioridades no que diz respeito à guerra. "Nada sobre a Ucrânia deveria ser decidido sem os ucranianos. Um cessar-fogo é essencial pré-requisito para qualquer negociação. Essas negociações devem levar a uma paz sólida e duradoura, com garantias de segurança, assegurando a soberania da Ucrânia e a estabilidade do nosso continente", afirmou. "Todos concordamos que, até que um cessar-fogo e uma paz duradoura sejam alcançados, nosso apoio à Ucrânia permanecerá inabalável."

O premiê britânico, Keir Starmer, disse que a intervenção de Trump pode abrir brecha para uma trégua

viável na guerra entre Rússia e Ucrânia. "Nos três anos e alguns meses de duração deste conflito, nunca estivemos próximos de uma saída real para alcançar o cessar-fogo. E agora, sim, temos essa oportunidade, graças ao trabalho realizado pelo presidente Trump", comentou. Starmer defendeu, porém, que "as fronteiras internacionais não podem, nem devem ser alteradas pela força". Por sua vez, Friedrich Merz, chanceler da Alemanha, ressaltou que a Ucrânia "deve estar presente à mesa" durante as próximas reuniões.

Manipulação

Peter Zalmayev, diretor da ONG Eusaria Democracy Initiative (em Kiev), ironizou a ameaça de Trump sobre "consequências muito severas" para a Rússia e comparou-a a um "recorde quebrado". "Ele deu a Putin duas semanas aqui, três semanas ali, um prazo até 8 de agosto. Putin tem conseguido fazê-lo retroceder e manipular Trump a não cumprir com suas ameaças. Acho que seria muito ingênuo esperar uma consequência severa vinda de Trump. Putin tem sido muito hábil em conduzir a situação, seja quando mais sanções foram aplicadas ou mais armamentos, enviados pelo Ocidente à Ucrânia", explicou ao **Correio**. "Putin está confiante em participar desse encontro com o americano, pois sente que é capaz de manipular Trump em benefício próprio. Por isso, estou cético."

De acordo com Zalmayev, Trump tem sido imprudente em mencionar a necessidade de cessão territorial por parte da Ucrânia. "Ele difamou nossa Constituição. É um ato inconstitucional dar a nossa terra a qualquer país. Isso é uma questão de soberania", defendeu. "Essa conversa de que Trump estaria pronto para mediar trocas territoriais é muito irresponsável. A Rússia exige que a Ucrânia abandone partes dos territórios ocupados antes que Moscou consiga controlá-las. A Ucrânia teria que ceder 20% da área ucraniana ocupada, mas também abandonar mais territórios", acrescentou.

"Francamente, estou cansado dessas velhas promessas, sem que tenhamos qualquer resultado", desabafou ao **Correio** Olexiy Haran, especialista em política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla. "Acho que haverá a continuidade de

Genya Savilov/AFP



Moradora da cidade de Bilozerske, na região de Donetsk (leste), caminha em meio a prédios destruídos pelos bombardeios russos

sanções dos Estados Unidos contra a Rússia. No entanto, Trump tem criado prazos para que Moscou atenda às suas demandas e, no fim das contas, ele não reforça as sanções. Eu espero por consequências severas, mas escutamos essas ameaças o tempo todo, e Putin continua matando pessoas."

Zalmayev também se mostra cético em relação ao encontro de amanhã entre Putin e Trump. "Putin procurará ter a certeza de que a reunião não será um desastre. Ele se certificará de que poderá dar algo que Trump possa levar para Washington e usar como propaganda, alegando que fez algo certo", observou. O estudioso aposta que o chefe do Kremlin não hostilizará o titular da Casa Branca, sob o risco de sofrer novas sanções. "Putin tentará convencer os EUA a suspenderem algumas das sanções em vigor. Essa é a meta mais importante que ele perseguirá no Alasca. Talvez prometa libertar prisioneiros e devolver algumas das crianças ucranianas sequestradas no início da guerra."

Territórios ucranianos reivindicados pela Rússia



FAIXA DE GAZA

Exército de Israel aprova plano para nova ofensiva

Omar Al-Qattaa/AFP



Garota chora na fila para receber refeições quentes, na Cidade de Gaza

As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que aprovaram o plano para uma nova ofensiva na Faixa de Gaza. Testemunhas relataram ataques aéreos intensos sobre a Cidade de Gaza, no norte do território, e dos campos de refugiados próximos, uma das áreas mais densamente povoadas da Faixa de Gaza. Com a ofensiva, as tropas israelenses pretendem dismantlar os últimos redutos do movimento fundamentalista islâmico Hamas, que denuncia "incursões terrestres agressivas".

Por ordem do gabinete militar do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, as IDF, que controlam atualmente 75% do território, prepararam-se para iniciar a nova fase de operações, com o objetivo de libertar todos os reféns israelenses

humanitária; outros 113 foram feridos a tiros perto dos centros de distribuição.

Depois de 22 meses de guerra, Israel planeja tomar o controle da Cidade de Gaza, no norte do território, e dos campos de refugiados próximos, uma das áreas mais densamente povoadas da Faixa de Gaza. Com a ofensiva, as tropas israelenses pretendem dismantlar os últimos redutos do movimento fundamentalista islâmico Hamas, que denuncia "incursões terrestres agressivas".

Por ordem do gabinete militar do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, as IDF, que controlam atualmente 75% do território, prepararam-se para iniciar a nova fase de operações, com o objetivo de libertar todos os reféns israelenses

mantidos em Gaza e "derrotar" o Hamas. O chefe do Estado-Maior, tenente-general Eyal Zamir, "aprovou a principal estrutura do plano operacional do Exército na Faixa de Gaza", afirma um comunicado militar, que não informou nenhuma data para a ofensiva.

Tanques

Nas ruas da Cidade de Gaza, observavam-se famílias palestinas em fuga, com bagagens e colchões empilhados em bicicletas e carroças. "Os tanques avançam há dias (...) na parte sudeste do bairro de Zeitoun, destruindo casas. Os tanques também avançam na parte sul de Tal Al-Hawa", contou à agência France-Press Abu Ahmed Abbas, um homem de 46 anos que teve a

casa destruída. "As explosões são maciças, há muitos bombardeios (...) Os tanques continuam lá e vi dezenas de civis fugindo", disse Fatum, uma mulher de 51 anos que mora com o marido e a filha em uma barraca, em Tal Al-Hawa.

Eyal Zamir destacou "a importância de aumentar a disponibilidade e a preparação das tropas para o recrutamento de reservistas", uma questão política espinhosa, visto que os ultraortodoxos negam-se a cumprir o serviço militar obrigatório. O Egito anunciou, na terça-feira, que trabalha com o Catar e os Estados Unidos para obter um cessar-fogo de 60 dias na Faixa de Gaza, onde a guerra começou em 7 de outubro de 2023, após um ataque sem precedentes do Hamas contra o território israelense.